

# FORMAÇÃO DO LEITOR E CAIXA DE MEMÓRIAS: “O ENTRE E OS NÓS” DA AVALIAÇÃO NUMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

READER TRAINING AND MEMORY BOX:  
“THE BETWEEN AND THE NODES” OF ASSESSMENT IN A PROPOSAL  
FOR INCLUSIVE EDUCATION

**Beatriz Sales da Silva**

Superintendência Regional de Ensino de Poços de Caldas  
beatriz.ss@uol.com.br

## RESUMO

Trago a proposição de apresentar narrativas de como o/a professor/a se constitui leitor/a, enunciadas pelo relato de experiência ocorrido em 2014 no curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais. A disciplina que lecionava na época era “Formação do Leitor,” sempre me indagando, “O que é que vou pedir para eles fazerem? Quais os exercícios para verificar permanentemente sua compreensão? E de fato, esse método, sempre que conseguia pô-lo em prática, me parecia extremamente fecundo... em vez de aprisiona-las em regras prontas que elas não conseguem compreender.” Ao elaborar a ementa e o planejamento para o semestre, percebi que poderia levar em conta como o processo de avaliação teria que contemplar a história de vida de cada uma das alunas. Nesse sentido, a leitura cuidadosa de um referencial teórico, dentre eles Freire, Esteban, Larrosa, Goodson, Lanutti, Mantoan, Meirieu e Ribeiro, abriu pistas em nossa referência na proposta de uma avaliação inclusiva, com apresentação de caixas de memórias confeccionadas pela turma através de objetos, livros e relatos que traziam à tona memórias de leituras.

**Palavras-chaves:** Formação do Leitor. Leitura. Memória. Avaliação. Educação Inclusiva.

## SUMMARY

I bring the proposition of presenting narratives of how the teacher becomes a reader, enunciated by the experience report that took place in 2014 in the Pedagogy Course at the Universidade do Estado de Minas Gerais. The subject he taught at the time was Reader Education. When preparing the syllabus and planning for the semester, I realized that I would have to take into account how the assessment process would have to include the life story of each of the students. In this sense, the careful reading of a theoretical framework, among them Freire, Esteban, Mantoan, Larrosa, Ribeiro, opened clues in our reference in the proposal of an inclusive evaluation, with the presentation of memory boxes made by them through objects, books and reports that brought back memories of reading.

**Keywords:** Reader Taining. Reading. Memory. Assessment. Inclusive Education.

Para Cláudia Araújo, aluna da turma N, que partiu tão cedo, deixou seu violão e, a sua presença perene...

## OLHANDO DE TRÁS PARA FRENTE

Antes da Raquel qualquer personagem que eu fazia sempre me dava uma folga: férias, fim de semana, feriadão. E era bom a gente se separar um pouco. Quer dizer, era bom se, quando a folga acabava, eu entrava no meu estúdio e dava de cara com ele outra vez. Só que, às vezes, a gente se despedia num fim de semana, e quando na segunda-feira eu abria o caderno pra me encontrar de novo com ele: cadê?! Tinha me escapado. E eu ficava esperando-o voltar. E nada. E todo dia eu olhando para a página branca. E nada (Nunes, 1992, p. 94)<sup>1</sup>.

A personagem que eu fazia naquele segundo semestre de 2014 era de uma professora universitária na disciplina “Formação do Leitor”, na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Campus Poços de Caldas. Parece um passado distante. Olhando para esta página em branco, me ponho a pensar: Como trazê-la de volta? Afinal, já não sou mais a mesma, outras personagens vieram e, com elas, múltiplas identidades no meu fazer profissional e pessoal. Estou vivenciando atualmente a experiência de ser avó, com a sensibilidade aflorada no desejo de fazer do meu neto um leitor. Talvez seja isso que remexe lembranças das leituras de nós mesmos, dos livros que lemos, da oralidade generosa, das memórias ainda quentes como um ovo que acabou de nascer. Somos sempre personagens de alguma história.

A que quero compartilhar com você, caro/a leitor/a, começa quando assumi as aulas no curso de Pedagogia, período noturno, com maioria de mulheres, jovens e adultas, algumas já atuando na área, cursando o oitavo período e praticamente encerrando a licenciatura. Era um tempo muito corrido entre a entrega do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e o fechamento das demais disciplinas. Tínhamos aulas na sexta-feira à noite, no sábado de manhã, e, algumas vezes, um sábado temático no período da tarde, o que exigia um planejamento assertivo para contribuir com os tempos e espaços que pudessem fazer sentido para a proposta da ementa curricular apresentada pela instituição. Tomávamos juntas um café coletivo e acolhedor aos sábados pela manhã. Leituras do mundo em que vivíamos.

Entrava na sala de aula contente, com a alegria de saber estar realizando uma experiência singular de compartilhar com as estudantes o que venho aprendendo com os escritos de Freire (2011, p. 25)<sup>2</sup>, ao dizer que ele mesmo continuava nesse esforço de “reler” momentos fundamentais de experiência da infância, da adolescência e da mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se constitui através da sua prática.

## A SALA DE AULA COMO LEITURA

Ao ir escrevendo este texto, ia “tomando distância” dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial (Freire, 2011, p. 20).

1 NUNES, Lygia Bojunga. *Fazendo Ana Paz*. Rio de Janeiro: Agir, 1992.

2 FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011.

Ao me dar conta de que naquele espaço muitas descobertas seriam necessárias para criar laços e intimidade, encontrei elementos para me questionar sobre qual seria o ponto de partida. Estava certa de que não há neutralidade na minha prática, não teria como desvencilhar-me da minha constituição como leitora. Estava impregnada de memórias que iam e vinham, fui juntando tudo. Foi num feriadão que dei forma às ideias e coloquei no papel aquilo que considerava a elaboração do planejamento, de enxergar a leitura como um andaime.

Tinha nos meus guardados o áudio “O escritor por ele mesmo”, uma proposta do Instituto Moreira Salles (IMS), no caso aqui apresentado pela escritora Lygia Fagundes Telles, denominado “As Formigas”<sup>3</sup>. Neste conto, ela descreve a história de duas estudantes, uma de direito e outra de medicina, que vão morar em uma pensão de uma curiosa e misteriosa mulher. A forma como ela a descreve nos leva para mundos imaginários cheios de suspense. Mas o que me chamou a atenção é que, dentro do quarto, elas encontram um caixotinho com ossos, o que causa muita estranheza traduzida no enredo. À noite, elas começam a perceber a presença de formigas no quarto, que no dia seguinte iam embora sem deixar rastros. O tempo ia passando e elas foram percebendo que os ossos iam tomando forma. Tamanho foi o susto numa noite quando chegaram para dormir e viram o esqueleto quase todo montado. Não tiveram dúvida de que tinha sido obra das formigas. Saíram correndo da pensão em meio à escuridão, para nunca mais voltar.

Eureka. Numa noite de sexta-feira levei o áudio para a sala de aula, com duração de 18 minutos de muita expectativa. Apagamos as luzes, pedi para que elas estabelecessem possíveis relações entre o conto e a disciplina “Formação do Leitor”. Foi um tempo de silêncio, atenção e medo. Estábamos hipnotizados pela voz da escritora Lygia Fagundes Telles. Elas não tinham a menor ideia de como ia acabar a história. Levaram um susto com o desfecho. Aproveitei o clima de suspense e abri para as colocações. Pontuei que poderíamos pensar que o trabalho diário das formigas em reconstruir o esqueleto do anão pode ser pensado como o trabalho diário para a formação do leitor.

A leitura é como um andaime, cuja origem etimológica é árabe: *ad-da'aim*, plural *ad-da'ama*, pilar<sup>4</sup>, constituído de colunas, barras e pisos que, juntos, formam um painel, forrando uma determinada superfície, como uma parede, permitindo um trabalho contínuo. Assim é o papel da leitura na formação do leitor, que vai sendo construído pela vida toda. Tarefa da família, da escola e da sociedade.

Nas colocações de Frigerio (2003, p. 12)<sup>5</sup>, precisamos de “apoio para as práticas, critérios para projetar edificações” e muitas informações para criar seus próprios andaimes conceituais e compartilhá-los com outros. Neste estudo de Dussel e Caruso (2003, p. 24), encontramos importantes reflexões para “abastecer e dar um contorno a um de nossos mais antigos conhecidos: a sala de aula elementar, espaço para lidar com nossos temores e nos apropriarmos com decisão desse espaço de ação”.

## A LEITURA COMO ANDAIME

Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra (Freire, 2011, p. 20).

3 O áudio de “As formigas”, na voz de Lygia Fagundes Telles, pode ser ouvido no site da Rádio Batuta, do IMS: <<https://radiobatuta.ims.com.br/programas/literatura-em-voz-alta/lygia-por-ela-mesma>>. Acesso em: 28 jun. 2024.

4 PRIBERAM. Andaimes. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. s.d. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/andaimes>>. Acesso em: 28 jun. 2024.

5 FRIGERIO, Graciela. Prólogo. In: DUSSEL, Inés; CARUSO, Marcelo. *A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar*. São Paulo: Moderna, 2003.

Há pouco tempo, fiz a leitura do livro “O corpo tem suas razões”, da escritora Thérèse Bertherat, com colaboração de Carol Bernstein (2010, p. 141)<sup>6</sup>. Em uma de suas páginas, encontro algo que me tocou profundamente. Diz assim:

Ser professor não supõe que se conheça antes de tudo um certo número de coisas sobre si mesmo? [...] O saber que o professor propõe é, certamente, o que ele aprendeu através da reflexão, mas, também e simultaneamente, através da experiência de seu corpo. Se o professor não tiver consciência de sua presença corporal, os alunos de hoje logo lhe farão sentir que não estão lá a fim de aprender o que ele lhes conta, mas para apanhar o que ele amadureceu, os frutos de sua experiência. O corpo do professor é uma espécie de árvore do conhecimento (Bertherat, 2010, p. 141).

Quando começamos a compreender o que se passa na sala de aula, dentro de nós mesmos, dentro de tudo o que fazemos, especialmente pela distância, pelos anos passados após esta experiência, vamos abrindo caminho para que a memória faça o seu trabalho. E traga com ela uma produção de sentidos múltiplos, que apresente como o referencial teórico apresentado durante as aulas foi se constituindo numa espécie de dinamo gerando potência. As memórias dos inúmeros Congressos de Leitura e Escrita (COLE)<sup>7</sup> fazem parte do processo.

Naquele tempo, o tempo para a leitura era escasso, pois as alunas trabalhavam, algumas tinham filhos, sem contar as inúmeras leituras de outras disciplinas. Mas não podíamos abrir mão desta tarefa fundamental para a construção dos andaimes, ainda mais em uma disciplina de formação do leitor. O que amadureci com os frutos da minha experiência até então foram leituras que me indicavam a necessidade de trazer para a sala de aula textos curtos, casados, que pudessem abrir caminhos para que leituras futuras pudessem acontecer.

A primeira leitura apresentada foi a do pedagogo Jorge Larrosa (2004, p. 139)<sup>8</sup>: “Sobre a Lição”. Fazíamos uma leitura silenciosa para, em seguida, uma leitura compartilhada em voz alta. Com esta leitura aprendemos que, “no ler a lição, não se buscam respostas”. Para o autor, “o que se busca é a pergunta à qual os textos respondem. Ou melhor, a pergunta que os textos abrigam no seu interior, ao tentar respondê-la: a pergunta pela qual os textos se fazem responsáveis. Por isso, a única resposta que se pode buscar na leitura é a responsabilidade da pergunta”.

Fiz então a proposição de que, para os próximos textos apresentados para leitura, faríamos a apresentação de ideias a partir destas perguntas: O que o texto me diz? O que, com o texto, ou contra o texto, ou a partir do texto, nósせjamos capazes de pensar, ou seja, o que o texto me diz, o que eu digo aos meus colegas?

Larrosa (2004) nos ensina que:

A amizade da leitura não está em olhar um para o outro, mas em olhar todos na mesma direção. E ver coisas diferentes. A liberdade da leitura está em ver o que não foi visto nem previsto. E em dizê-lo. [...] Enfiar-se na leitura é enfiar-se no texto, fazer com que o trabalho trabalhe, fazer com que o texto teça, tecer novos fios, emaranhar novamente os signos, produzir novas tramas, escrever de novo ou de novo: escrever (Larrosa, 2004, p. 145-146).

<sup>6</sup> BERTHERAT, Thérèse; BERNSTEIN, Carol. *O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência de si*. 21. ed. Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

<sup>7</sup> O Congresso de Leitura e Escrita (COLE) é organizado pela Associação de Leitura e Escrita do Brasil a cada dois na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

<sup>8</sup> LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução de Alfredo Veiga Neto. Belo horizonte: Autêntica, 2004. p. 139-146.

Nesse sentido, o professor Ezequiel Theodoro da Silva (2014, p. 36)<sup>9</sup>, em seu livro “Leitura de si, o professor enquanto pessoa”, traz um questionamento importante para se pensar ao se perguntar: “É possível aprender sem que alguma forma de leitura esteja envolvida no processo?”. Ele mesmo responde: “Não existe forma de se esquivar de algum tipo de leitura”. O autor também afirma que:

Independente do órgão do sentido envolvido e acionado (visão, audição, olfato, gustação, etc.), todas as formas de interações do homem com a natureza, com a cultura e ou outros homens podem ser entendidas como formas específicas de leitura. Tudo o que nos chega através dos sentidos, vindo da realidade, reclama por significação e aciona diferentes gestos de leitura. Para ele o conceito de leitura precisa ser alargado no sentido de abarcar outros gestos humanos que produzam sentido. Ser leitor ou praticar a leitura, portanto, é situar-se criticamente e ecleticamente frente a todos veículos e ou suportes onde ocorre linguagem escrita, do livro a tela de um telefone celular (Silva, 2014, p. 36).

Para driblar o cansaço da semana, mas também a possibilidade de alargar o tempo e espaço das aulas, a nossa sala de aula virou cinema numa tarde de sábado temático, quando teríamos aula geminada. Era uma forma encontrada para trabalhar com outros sentidos a partir das lentes da sétima arte, trazendo para a tela a nossa condição humana. Momento para sermos capazes de nos emocionar com a história de um pequeno leitor que aprendeu a ler no livro do coveiro. A escolha do filme foi pensada para que pudéssemos fazer a leitura da trama, cuja personagem central é uma leitora.

Durante a Segunda Guerra Mundial, uma jovem garota chamada Liesel Meminger sobrevive fora de Munique lendo os livros que ela rouba. Ajudada por seu pai adotivo, ela aprende a ler e a partilhar livros com seus amigos, incluindo um judeu que vive na clandestinidade em sua casa. Enquanto não está lendo ou estudando, ela faz algumas tarefas para a mãe e brinca com o amigo Rudy. O filme “A menina que roubava livros”<sup>10</sup> traz infinitas possibilidades de ampliar o universo das possíveis relações que fazíamos com as leituras: O que o filme me diz? O que eu digo ao filme? O que eu digo aos meus colegas?

Essa foi uma experiência, um acontecimento, no dizer de Larrosa (2004, p. 32):

O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. [...] Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo.

A história narrada no filme se entrelaçou com as nossas; de repente, nos tornamos leitoras da nossa humanidade. O filme é uma leitura, andaimes!

Encerramos o semestre com um encontro da professora indígena Giselma Ferreira de Brito, do povo Xucuru-Kariri, para uma conversa sobre literatura indígena. Trouxemos para a sala de aula vários livros de escritores indígenas e a convidada fez um relato da sua experiência como docente e da sua prática leitora. Conversamos sobre os estereótipos que estão impregnados na vida diária e a importância de desnaturalizá-los. Trouxemos a história dos povos indígenas para a atualidade, demonstrando o protagonismo dos mesmos na publicação de livros de suas autorias. Como fazer para que esses livros cheguem até a sala de aula? As leituras de si, que falam do outro, o indígena por ele mesmo!

9 SILVA, Ezequiel Theodoro da (org.). *Leitura de si, o professor enquanto pessoa*. Campinas: Edições Leitura Crítica, 2014.

10 Para saber mais, acesse: <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-204237/>>. Acesso em: 28 jun. 2024.

## “O ENTRE E OS NÓS” DA AVALIAÇÃO

A nossa proposta é resgatar, por meio de uma nova concepção de avaliação, o poder que o aluno possui de se posicionar face ao que aprendeu e/ou deseja conhecer. Os fundamentos de uma escola para todos exigem uma reviravolta no que se entende por avaliação e é essa mudança brusca que miramos para sugerir meios de tornar a avaliação mais justa, digna, humana e inclusiva (Mantoan e Lanuti, 2022, p. 59)<sup>11</sup>.

Dentre as muitas leituras que fazíamos, não podíamos deixar de pensar no processo de avaliação das atividades desenvolvidas. As avaliações eram trimestrais e tínhamos que avaliar com notas as aprendizagens. Na posição de avaliadora, ainda sem um conhecimento sensível dos potenciais e das necessidades das estudantes, sem conhecer os seus rostos, me vi levada a partir para outras propostas que pudessem dar conta daquilo que estávamos estudando. Como nos ensina o professor Ezequiel Theodoro da Silva (2014, p. 37), quando diz que o professor precisa ser “lido” também. Qual a percepção que o grupo de alunos tem do professor? Como esse professor e a disciplina por ele ensinada são percebidos no conjunto da escola? Buscávamos perguntas.

Foi assim que chegamos ao trabalho da professora Luciana Fernandes Ribeiro (2005, p. 41)<sup>12</sup>, que apresenta o relato de experiência “Sobre Pandoras e memórias de leitura”. Segundo ela, trata-se de uma proposta de leitura realizada com seus estudantes da então quarta série do Ensino Fundamental I, tomando como fonte o relato de suas memórias. “Estas tiveram como ‘suporte’ caixas individuais, onde cada criança depositou objetos, brinquedos, textos e livros que revelavam suas histórias e que foram explicitadas em apresentações também individuais no ambiente escolar”.

O referido artigo foi compartilhado com as estudantes para leitura e para a proposição de que elas pudessem também elaborar seu memorial de leitura com a construção de suas caixas de memórias como proposta de avaliação do trimestre. Cada uma apresentou sua caixa oralmente fazendo o relato das suas memórias. Assim, a avaliação, que era um dos entraves, ganhou contornos diferenciados, no qual a leitura das histórias de vida passou a ser apresentada como forma de aprendizagem sem a conotação de certo ou errado, mas como a possibilidade de se fazer uma leitura de si. E como isso tem reverberação na prática docente, no sentido de que, ao se darem conta de como foi o seu processo de formação enquanto leitoras, traz a consciência de como os seus próprios alunos também chegam a se constituir leitores. Uma via de mão dupla a partir das memórias.

A leitura em capítulos do livro “Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados”, da escritora Eliana Yunes (2009)<sup>13</sup>, e a apresentação dos capítulos em grupo pelas estudantes possibilitaram que o fio da meada para a amarração dos conceitos apresentados durante a experiência com as caixas de leitura e suas memórias pudessem ser reavaliados a partir dos sentidos que foram sensibilizados durante a atividade.

11 MANTOAN, Maria Teresa Eglér; LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista. *A escola que queremos para todos*. Curitiba: CRV, 2022.

12 RIBEIRO, Luciana Fernandes. *Sobre Pandoras e memórias de leitura*. Associação de Leitura do Brasil. Revista Leitura: Teoria & Prática, Campinas, v. 23, n. 44, p. 41-49, mar. 2005.

13 YUNES, Eliana. *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Curitiba: Aymará, 2009.

Para Yunes (2009, p. 22-23), “o exercício da memória nunca poderá efetivamente resgatar o fato tal como ele se deu em todas as suas injunções presentes e futuras. A memória fabula, condicionada pelos tipos de registro que se imprimiram em nosso inconsciente”. Nesse sentido, o que podemos considerar é que o que veio à tona durante esta experiência foi um percurso que a própria memória construiu. Uma rede de memórias singulares e coletivas que se constituíram como práticas leitoras de carne e osso, cheias de humanidade. Dessa maneira, a autora defende que “pensar, pesar, evocar, rememorar as experiências iniciais e posteriores da leitura, por exemplo, são gestos que afetam o ato de ler e o impregnam das vivências de cada um, dando ao leitor a oportunidade, pouco a pouco, de conscientizar-se”.

Os estudos de Esteban (2002, p. 168, 173)<sup>14</sup> vêm ao encontro da nossa proposta avaliativa mais inclusiva, no entendimento de que, ao se assumir a ambivalência que o processo de avaliação carrega enquanto atividade impregnada pelos valores sociais, e incorpora essa ambivalência “como um sinal de que as conclusões devem ser relativizadas e continuamente interrogadas”. Para a autora, “a ruptura com uma dinâmica de avaliação baseada na exclusão é importante, sobretudo quando acreditamos que o diálogo cria a possibilidade de um movimento em que cada um(a) dos(as) participantes encontra lugar para expor seus argumentos, afirmado um modo, dentre os vários possíveis, de entender o mundo”.

Na mesma direção, Mantoan e Lanuti (2022, p. 59)<sup>15</sup> apontam caminhos para que “a avaliação assuma o seu sentido mais inclusivo – como um meio, não como o fim do ato educativo”. Assim sendo, podemos considerar que as estudantes puderam tomar decisões sobre o processo da experiência vivenciada, estabelecendo quais eram os melhores caminhos e instrumentos para que seus saberes fossem trazidos à tona junto com as suas caixas de memória e para que suas dúvidas fossem expostas. Para os autores, “o acompanhamento dos processos de aprendizagem, portanto, não cabe exclusivamente ao professor, mas resulta de acordos entre ele e seus alunos, em uma dinâmica na qual acontece o exercício do poder de ambos”.

## ABRINDO AS CAIXAS

Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado - e até gostosamente – a “reler” momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo (Freire, 2011, p. 20).

Nesse momento, abrem-se as caixas com a apresentação do Memorial de Leitura de algumas estudantes que participaram da disciplina “Formação do Leitor”, na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), 2014, em Poços de Caldas.

14 ESTEBAN, Maria Teresa. *O que sabe quem erra? Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

15 MANTOAN, Maria Teresa Eglér; LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista. *A escola que queremos para todos*. Curitiba: CRV, 2022.

Denise da Silva Goulart Veiga

Memorial de Leitura

Meu nome é Denise, nome este que era para ser de minha mãe. Nasci no dia oito de agosto de 1979, em Poços de Caldas, MG. Meus pais são Rovilson e Dilza, meu pai é caminhoneiro por profissão e com o coração, e minha mãe enfermeira, por vocação e doação. Tenho dois irmãos, Eli é o mais velho e Adonai é o mais novo. Tenho muitas lembranças da minha primeira infância, todas elas me remetem à casa dos meus avós maternos. Lá sempre estava cheio de gente, havia muita conversa, música, brincadeiras e risadas ecoando pela casa. Chegava ao ponto de minha mãe falar: "Vamos distribuir as senhas, para que todos possam falar". Sim, pois quando nos reuníamos era um falatório só, acho até que isso contribuiu para eu ser tagarela como sou, é herança genética. Meu avô João, que é pai de minha mãe, sempre teve depósito de sucata, hoje comumente chamado de recicláveis. E no meio desses materiais, encontrávamos muitos livros, alguns em bom estado, e eles me chamavam a atenção por isso, já que poderiam ser utilizados por outras pessoas. Livros variados de contos, poemas e os mais belos clássicos da literatura infantil. Lembro-me de um em especial, de capa azul, que trazia as histórias do Jeca Tatu, Festa no Céu e até o poema da Barbará Bela, escrito pelo conjurado mineiro Alvarenga Peixoto. Poema este que lembro bem, sem perceber, ficou gravado em minha memória. Nesse tempo, eu devia ter uns cinco ou seis anos, ainda não sabia ler, e minha mãe lia para mim, muitas vezes ela lia repetidamente a mesma história. Ela não reclamava, mesmo estando cansada, sempre achava um tempo para ler para mim e meus irmãos. E foi seu estímulo que fez crescer em mim o desejo de ir à escola, de poder eu mesma ler os livros e descobrir novas leituras. Os anos 90 chegaram, precisamente os anos de 92 a 95, foram anos maravilhosos onde cursei da 5ª à 8ª série. Tive grandes aprendizados e convivi com pessoas que estimularam a leitura de livros sensacionais, clássicos da nossa literatura como Dom Casmurro, A pata da gazela, Senhora e muitos outros. O mais legal desse período foi que não somente eu, mas a sala toda se voltou para a literatura e estimulávamo-nos uns aos outros trocando livros. Estes também foram anos muito agitados no Brasil. Na política, tivemos o primeiro presidente deposto por corrupção e a implantação do plano real que tinha como meta acabar com a inflação. Nos esportes, conquistamos o primeiro, de muitos outros, título olímpico de vôlei, e depois de mais de vinte anos, fomos campeões mundiais de futebol. E também perdemos um grande ícone no esporte, o piloto de automobilismo Ayrton Senna. Tais acontecimentos nos influenciaram a todos, nos mudaram, fizeram de nós pessoas mais críticas. Dizer que gosto de ler seria muito pouco comparado ao prazer que sinto ao ler e ter um livro nas mãos. E com o tempo, aprendi que todas as leituras, independentemente do tipo ou definição que tenham, nos trazem significados. Não tenho preconceitos quanto a ler romances, gibis, clássicos, aventuras ou textos acadêmicos; cada uma delas me proporciona prazer e aprendizado. As leituras me propiciaram não só prazer, elas me estruturaram. Hoje percebo que o que sou em muito é resultado das leituras que fiz e das compreensões de mundo que estas me permitiram ter. A leitura, para mim, é libertadora.

∞

Sílvia Cristina de Oliveira

Memorial de Leitura

Não me recordo com precisão quando começou minha incursão ao mundo da leitura, mas, tenho em comum, a fala de alguns professores no texto "Leituras da infância na memória e na história de vida de professores de língua portuguesa", ao relatarem as muitas histórias contadas por familiares durante a infância. Em meu caso, a contadora de histórias (hoje falecida), chamava-se dona Tereza e era uma vizinha. Lembro-me que ela reunia em sua casa todas as crianças da vizinhança onde morávamos para nos contar histórias de lobisomem, mula-sem-cabeça e "causos" acontecidos em fazendas, cemitérios... Para dormir depois, era um sufoco. Dos primeiros anos escolares, não tenho lembrança de nenhum livro que tenha sido marcante em minha vida como leitora, não me lembro nem mesmo das professoras contarem histórias. Deste período, guardo na memória apenas um fato que, para mim, enquanto criança, era no mínimo inexplicável... Havia um seriado na televisão chamado Chips, onde os protagonistas eram dois policiais. Eu, uma criança apaixonada por um deles, me vi impulsionada a enviar-lhe uma carta (obviamente escrita por meus pais) para declarar meu amor. Para meu desespero e total incompreensão de como tal fato poderia se dar, sou informada que meu pretendente não falava português e eu nem sabia o que isso queria dizer.... Outra língua? O que significava isso para uma criança de 6, 7 anos de cerca de 35 anos atrás? A revelação de que Erik Estrada não entenderia minha declaração foi com certeza minha primeira grande decepção amorosa rsrsrsrs. Quando comecei a ler e escrever, começou então meu efetivo interesse pela leitura. Em minha casa havia uma coleção de livros, tipo enciclopédia; não me recordo o nome da coleção, mas lembro-me de que havia muitas ilustrações e informações sobre vários assuntos. Nela, conheci as várias espécies de cobras, vi ilustrações sobre o Inferno de Dante, conheci os pigmeus e, entre ou-

tras descobertas, aprendi que escafandro era uma espécie de capacete que os mergulhadores usavam no fundo do mar. Jamais me esqueci desta palavra! Turma da Mônica, Walt Disney eram meus conhecidos através dos gibis. Meu preferido neste quesito era o Chico Bento, que me encantava com sua simplicidade e inocência... Quando estava na 5<sup>a</sup> já havia tomado gosto pela leitura, tanto que, por ter medo de quebrar meus óculos, não gostava de participar das atividades de educação física e então aproveitava este momento para ir até a biblioteca fazer minhas leituras. Ainda nesta fase escolar, era muito comum para mim, ao sair da escola, ir para a biblioteca, que ficava no jardim da Palace e onde hoje funciona um café concerto. Nestas minhas incursões à biblioteca, minhas leituras preferidas vinham dos livros de Agatha Christie. Como se fosse hoje, lembro-me de um título que me fascinou por seu enredo: O Mistério dos Dez Negrinhos. Já não recordo o final da história, mas posso afirmar que foi surpreendente! Parei de estudar na 6<sup>a</sup> série, ficando muito tempo longe da escola, mas, ainda assim, a leitura sempre esteve por perto. Lia desde os famosos romances Sabrina, Júlia e afins, até revistas como Capricho, Nova, Boa Forma, livros de receitas (sempre gostei muito de culinária), bulas de remédio, jornais, livros de autoajuda, também sempre gostei muito de fazer palavras cruzadas. Aos 24 anos, me tornei evangélica e as leituras da Bíblia e livros do gênero passaram a permear minha vida de leitora. Fui retornar os estudos somente em 2006. Em 2009, concluí o Ensino Médio e já ingressei em dois cursos: Técnico em Alimentos e Magistério, concluí os dois. Em 2011, comecei o curso de Pedagogia na UEMG e só então fui conhecer de fato a leitura acadêmica. Confesso que muitas vezes os textos acadêmicos são deveras enfadonhos, no entanto, sei que para exercer a profissão que abracei ler é fundamental. Gostaria de voltar ao tempo em que ler para mim era um ato puramente prazeroso e não uma "obrigação". No entanto, infelizmente muitos fatores conspiraram para que a cada dia tenhamos mais dificuldade em manter uma rotina de leitura. É a correria do dia a dia, o cansaço e, no meu caso também, a dificuldade de ler por questões de saúde dos olhos. Poder voltar no tempo e poder sentar-me tranquilamente nas cadeiras daquela biblioteca e viajar em cada página lida, sim, isso sim, me daria muito prazer...

∞

Karen Peixoto Rodrigues

Memorial de Leitura

Desde pequena fui condicionada a leitura, pela minha mãe e principalmente pela minha tia Lúcia que todos os dias contava história antes de dormir, de vez enquanto a gente rezava, eu adorava, sempre pedia para que contasse mais uma. A que mais me marcou foi a história do Chapeuzinho Vermelho, lembro de sua música quando ia levar doces para vovó e também a história de João e Maria. Aos 5 anos de idade, meu tio Lucas comprou uma coleção da Turma da Mônica. Foi meu primeiro contato com o livro. Na época, a Turma da Mônica fazia muito sucesso, nós comprávamos muitos gibis, pois minha tia também adorava. Na escola, aos 6 anos de idade, tive contato com algumas leituras em sala de aula, mas somente comecei a ler no primeiro ano de escola, quando tinha 7 anos. Na primeira série, me recordo da história dos Três Porquinhos, das figuras com seus respectivos nomes, da cartilha, daquela sensação estranha de ansiedade quando a professora Cláudia ia tomar leitura. Recordo-me também do som do "R", que achei o mais difícil de compreender a regra. Foi trabalhoso aprender a ler, é um processo que exige dedicação, onde o papel dos pais é fundamental. Em Alpinópolis, havia uma biblioteca pública onde todos podiam pegar livros para leitura, aprimorei minha leitura entre um livro e outro. Uma vez peguei um livro todo colorido era em alto-relevo seus desenhos, mas no momento não me recordo do nome, mas aconteceu uma tragédia com ele. Ele sumiu, não sei onde foi parar, não sei se alguém pegou emprestado e não me devolveu. Essa perda do livro foi algo que me traumatizou, pois por tê-lo perdido não podia mais pegar livros, então fiquei um bom tempo sem ler. Esse ocorrido eu não contei para minha mãe, isso acabou me afastando da leitura, pois não podia mais ir à biblioteca, então lia o que tinha. Li muito minha coleção da Turma da Mônica, que chama O que você vai ser quando crescer? Estes abordam sobre as profissões, eu os adorava, principalmente as suas gravuras coloridas, o que mais gostava era o de química e o de cinema. Fiquei triste, pois, minha filha o rasgou faz pouco tempo e tive colaboradores para a destruição de alguns, minha irmã mais nova também estragou dois deles quando pequena. Um livro que me recordo da história até hoje foi o livro da bonequinha preta, li quando tinha acabado me ingressar na leitura, acho ele uma belezinha, até pretendo comprá-lo para minha filha, pois espero que ela se apaixone pela leitura. Quando eu tinha 6 anos existiam histórias em disco de vinil, me lembro como se fosse hoje, Dona Luzia amiga da família que morava em frente a nossa casa tinha dois discos, um musical e outro de histórias, um verde e um marrom, eu adorava dançar samba Le Lê! No outro disco, tinha a história da Dona Baratinha, eu deitava e ficava escutando e imaginando. Eu ouvia muito em sua casa, e ela me emprestava também para levar para casa de meu avô. Nossa, como eu era feliz! Nesta mesma casa, havia uma coleção do Sítio do Picapau Amarelo, muitos livros grandes com figuras em preto e branco que tomavam conta da estante da sala. Dona Luzia lia muito para mim, e eu li também quando já sabia. Lia deitada no tapete de sua sala. Ela foi uma das pessoas que mais me incentivou com essa cultura. Sua família é de professoras: Dona Luzia, Regina Célia e Lilian, onde o hábito de leitura faz parte de suas vidas e elas passavam para mim, foram pessoas muito importantes em minha vida e fazem parte dela até nos dias de hoje. Na minha infância, a leitura sempre esteve presente. Na adolescência, ela se afastou um pouco, morei em roça, madrugava para pegar a Kombi para poder estudar. Quando voltei a morar na cidade, comecei a trabalhar. Eu estudava e trabalhava, não lia mais, passei a ser uma pessoa de-

sanimada e cansada. Minha amiga Aline sempre anda com um livro na mão, ela “come” livro, lembro da coleção de Agatha Christie que lia. Se não leu todos, leu quase todos, e me influenciou a ler alguns. Foram poucos, mas li. Sua filha chama Agatha por causa da coleção de livros. As leituras feitas na escola, não me agradavam, lia por obrigação. A maioria de minhas aulas eram chatas, faltava algo que prendesse a atenção dos alunos, uma metodologia diferenciada, faltava o amor pelo que faziam, faltava didática. Então, eu não lia o que gostava, o que encantava, eu via como textos chatos, passados de uma maneira chata. Isso poderia ter sido diferente. Como Paulo Freire mesmo disse, era tudo decorado, regras, conteúdo, fórmulas, nada agradável. Não sei por que algo que fazia parte da minha vida, que eu gostava de fazer, teve sua chama acesa e se apagou. Esse memorial me fez refletir sobre isso. Eu vivi inserida num mundo de leitura de onde eu não deveria ter saído e essa chama se acendeu novamente quando me casei com meu marido, que adora ler. Penso que trabalhei muito tempo em um emprego cansativo, o que atrapalhou nesse processo de continuidade, de desejo ao ler um livro. Quando me casei, vim para a cidade de Poços de Caldas, fiz minha ficha na Urca, peguei alguns livros, mas me lembro somente de *O Pequeno Príncipe*, uma história marcante, que ao mesmo tempo nos remete à sua inocência, ingenuidade e sua sabedoria. Um livro tanto para crianças como para adultos, encantador! Meu marido me reinseriu nesse universo que eu havia esquecido. Nossa, como é bom voltar! Sempre tive pessoas ao meu redor que estavam nesse universo de leitura. Peguei alguns livros emprestados: A menina que roubava livros, *O caçador de pipas*, *Diário de uma paixão*. Esses me marcaram, chorei muito em todos, são histórias tristes e lindas. Ganhei a coleção do Harry Potter do meu marido de presente, fiquei muito feliz, pois eu sou fã dos filmes, mas só li os três primeiros: *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, *Harry Potter e a Câmara Secreta*, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, pelo fato de ter começado a faculdade. Estou com vários livros em casa para ler e, no momento, estou sem tempo. Nossa, a faculdade... Nesse período, eu tive que ler muito. Tive que vencer obstáculos, pois se usa uma linguagem diferente, difícil de ser interpretada, não para quem tem um hábito de ler. Como eu não tinha mais o hábito de ler, passei apuros, foi árduo, vi a importância da leitura na minha vida, que não deveria ter parado nunca, pois assim eu não teria tido tanta dificuldade. Ouvia palavras que nem sequer sabia da existência. Se no começo da faculdade eu enxerguei a importância da leitura, imagina agora no final do curso enquanto professor. É primordial que o professor leia sempre, para que possa afetar os seus alunos, fazer a diferença na vida deles. Escrevi meu memorial de acordo com o que percebi importante nos textos lidos, me inspirando neles para escrever, onde compartilhei minhas experiências vivenciadas, citando os nomes de pessoas mediadoras nessa construção, os livros que mais me marcaram, as fases pelas quais passei, procurando responder às perguntas que a pesquisadora fez no texto *Sobre Pandoras e memórias de leitura*.

∞

Iara Cristina Silvino Moras

Memorial de Leitura

No decorrer destas aulas, foi possível refletir e compreender a leitura tanto no que se refere aos seus aspectos teóricos e práticos quanto, e principalmente, em relação aos aspectos subjetivos e marcantes que esta possui. A realização da escrita do memorial possibilitou uma reflexão interior e identificação com a leitura e de como esta se inseriu e se insere em nossas vidas, e as construções aprendidas por meio dela. Pontos que não teriam se tornado tão marcantes se ao contrário da escrita do memorial tivéssemos ficado apenas na teoria. As histórias contadas pela professora e as próprias leituras dos textos nos fizeram vivenciar os processos de prática de leitura e nos lembrares do quanto a prática da leitura nos toca e é importante. Apesar do semestre curto, foi muito importante realizarmos esta reflexão neste último período, pois ela nos leva a pensar sobre qual postura assumiremos como futuras educadoras, lidando com inúmeras histórias de vida, podendo fazer a diferença neste sentido. Todas as leituras realizadas foram importantes e significativas para mim, como *A importância do ato de ler*, *A leitura faz acontecer*, *Tecendo um leitor*, *uma rede de fios cruzados*, *O que é que a literatura tem?* A criança, o livro e a escola, e as contribuições da literatura para as aprendizagens do tempo histórico, entre outras histórias contadas e indicações de leitura. Discussões estas que foram inusitadas no decorrer do curso e ainda contribuíram muito para o desenvolvimento em outras disciplinas, como metodologia da avaliação e ensino de história e geografia. Com relação a tudo que aprendi e vivenciei, planejo continuar a ler cada vez mais e incentivar as pessoas ao meu redor, e meus futuros educandos a serem leitores não por obrigação, mas por prazer. Embora eu não pretenda atuar dentro da sala de aula no ano que se aproxima, tenho certeza que, como a educação permeia todos os espaços de vivência, em meus caminhos terei oportunidades de mostrar e aplicar este sentimento de valorização e importância da leitura. Neste sentido, sobre o que pretendo aprender mais, penso que primeiramente quero cada vez mais trazer o gosto e o prazer pela leitura, de livros não só da minha área de atuação, mas de outros contos e em aprofundar mais as leituras sobre a construção do leitor e os significados da literatura. Minha participação nas aulas foi no meu ponto de vista verdadeira, ou seja, este é um tema que me interessa muito e para mim as aulas não foram uma obrigação ou técnicas, mas sim momentos prazerosos de reflexão sobre a leitura, onde muitas vezes teorias surgiram de vivências repletas de significados e lembranças. Portanto, eu só tenho a agradecer por nos propiciar vivenciar esta oportunidade incrível com relação a leitura.

## O REENCONTRO

Creio desnecessário me alongar mais, aqui e agora, a propósito da complexidade desse processo. Refiro-me a que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele (Freire, 2011, p. 29).

A esta altura, precisava saber por onde andam. Afinal, não estava escrevendo apenas sobre mim; estava falando sobre vocês, falando sobre todas nós. Saí à procura de quem me desse notícias e fiquei sabendo que vocês têm um grupo no WhatsApp da Turma N da UEMG. Entrei em contato com cada uma que comigo partilharam suas memórias.

Neste reencontro, conversamos e fiquei sabendo por onde anda você, por:

Denise da Silva Goulart Veiga

*Como educadora, busco inserir Literatura no cotidiano dos alunos, seja através de contação de histórias ou por meio de projetos de incentivo. Hoje, atuando com crianças da Educação Infantil, de cinco anos de idade, realizo o projeto "Pasta Literária", que tem como premissa desenvolver o interesse e a curiosidade dos estudantes. Eles levam, um a cada semana, a pasta contendo um livro da sua escolha e os pais, junto com ele, fazem a leitura, conhecem o enredo e seus personagens. Na semana seguinte, o Contador de Histórias é o aluno, que vai fazer o reconto e apresentar aos colegas o livro e a ilustração por ele feita. Posso dizer que me causa muita alegria ver o entusiasmo dos meus alunos por participarem deste projeto. Emociono-me por poder, assim como fui, incentivar e despertar o interesse deles pela Literatura. Tenho tantas memórias desses momentos; algumas me fecham a garganta e me marejam os olhos. Quando pequena, vivia mais na casa dos avôs do que na minha própria casa. Assim como toda a "primaíada", passava o dia esperando a chegada da noitinha. Era quando chegava meu avô João com o jornal debaixo do braço. Com a mesa posta com café fresquinho e queijo Minas, ele sentava, contava os acontecimentos, e a "netaiada" se achegava ao redor e começava a leitura. Para cada notícia lida, uma fatia de queijo era recebida. O queijo com notícia tinha um sabor inigualável. Nunca mais houve outro queijo com tal sabor... Eu, leitora, sou resultado dessas tantas vivências, memórias e afetos. Que eu, como educadora, possa oferecer um pouco daquilo que recebi aos meus alunos e os possa fazer enxergar quanta vida e riqueza nos traz a Literatura.*

## TENHO DE DÁ-LAS PARA ALGUÉM QUE TOME CONTA DELAS

Quando eu morrer, minhas memórias vão se perder. Mas não quero que se percam. Tenho de dá-las para alguém que tome conta delas. Aí me vem a aflição por escrever. Quando escrevo, estou lutando contra a morte. A morte das coisas que o meu amor ajuntou e que vão se perder quando eu morrer (Alves, 2006, p. 41)<sup>16</sup>.

As páginas já não estão mais em branco. – A menina, a pedagoga, a professora, a avó, as estudantes, personagens que somos – escrevemos até aqui este relato de experiência. Ao fazer esta retrospectiva, não foi difícil o reencontro com a professora que fui, ainda viva. É esta personagem que volta à cena. A prova é que encontrei todas as memórias em meus guardados ainda hoje. Fiz o exercício de revisitar minha caixa. A menina, a pedagoga e a avó também correram para abri-la. E, ao mesmo tempo, todas riram quando viram o que havia lá dentro. Era o medo, medo de que tudo se perca. Memórias que ajuntei, entrelaçadas com histórias das estudantes de Pedagogia. Por isso escrevemos, elas e eu. Ao som dos temas de filmes inesquecíveis,<sup>17</sup> fui tirando uma a uma as lembranças da minha docência.

16 ALVES, Rubem. *Se eu pudesse viver minha vida novamente...* Campinas: Verus Editora, 2006.

17 Pra Se Emocionar - As músicas instrumentais e temas de filmes tocadas nas rádios do Brasil 1960-1980. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PvHVMnI3mzs>>. Acesso em: 28 jun. 2024.

Fiquei com esta turma até o final de 2014, quando me desliguei da Universidade, pois tinha sido aprovada no processo seletivo para o Doutorado em Educação na Unicamp. Tive que fazer escolhas quando deixei a docência, mas continuei atuando como pedagoga na Superintendência Regional de Ensino de Poços de Caldas, onde estou até hoje. Lá se vão vinte e dois anos atuando na área da educação, fazendo acompanhamento pedagógico nas escolas estaduais. Conheci inúmeras crianças no processo de aprender a ler e escrever com suas professoras em práticas leitoras. Alfabetizações perenes impregnadas na caminhada.

Antes disso, trabalhei por quatro anos na Escola Municipal Dr. Haroldo Affonso Junqueira, na Biblioteca Jurandir Ferreira, com a prática de contação de histórias e promoção da leitura para crianças e adolescentes. A menina me contou que, como educadora, a auxiliar de biblioteca foi a minha melhor versão. É ela quem sustenta minha prática; as histórias que ela conta ressignificam a menina leitora que fui e continuo sendo. O cuidado com as crianças com dificuldades em aprender a ler e escrever. É essa menina que adora livros que me constitui como professora, como avó encantada com as descobertas do neto fazendo suas experiências de pequeno leitor.

É a avó que agora escreve. E, como avó, gostaria muito que meu neto tenha a oportunidade de ir para a escola e encontrar professores que possibilitem a ele a construção da sua caixa de memórias de leitura, que ele a encha de objetos que contem a sua história, que ele possa compartilhar com seus amigos, se emocionar e se humanizar. Quiçá não seja utopia! É por isso que escrevo estas linhas para este Dossiê de Alfabetização, do verbo “esperançar”.

Figura 1: Desenho “Centopeia”, de autoria de meu neto e intitulado por ele, que me inspirou a reabrir minha caixa de memórias.



Fonte: A autora (2024).

Gosto muito de ler histórias antigas; talvez esta aqui não seja tão antiga assim, mas ainda é tão atual para uma conversa nos cursos de Pedagogia na formação de professores. Até porque não há como olhar para estas memórias sem trazê-las à luz do referencial teórico ao qual me dediquei nos estudos do doutorado. A partir dos escritos do professor Ivor Goodson (2007)<sup>18</sup>, que referencia as histórias de vida de professores, comprehendi a possibilidade do trabalho com o currículo narrativo

Pude perceber que, ao olharem para si mesmas na elaboração de suas caixas de memórias como pessoas que vivem experiências, elas se tornam mais felizes e melhores professoras porque estarão mais sensíveis à maneira como os estudantes estão experienciando o mundo. Para Ivor Goodson (2007, p. 59), “isto os coloca de volta em contato com eles mesmos e, ao assim fazerem, se colocam em contato com os alunos de uma forma melhor. Este seria meu argumento acerca do trabalho sobre histórias de vida”. Na sua compreensão:

É nesses lugares internos que fronteiras continuam a ser cruzadas, onde as pessoas continuam a refletir, continuam a crescer, continuam a expandir a consciência de si. Então, realmente, meus cruzamentos de fronteiras são cruzamentos internos ao invés desse cruzamento territorial externo sobre o qual conversamos. Eles são importantes, mas é a viagem interna que importa, e importa, particularmente, em termos de professores tornando-se mais reflexivos e compreendendo melhor eles mesmos e o mundo. Lawrence Stenhouse uma vez disse: “Professores mudariam mais a escola se entendessem a si próprios”, e acho que isso é verdadeiro. A maneira como a educação pode melhorar é, primeiro, pelos professores melhorando seu próprio auto-conhecimento e auto-entendimento (GOODSON, 2007, p. 61-62).

Entrego assim parte das nossas memórias para você, caro/a leitor/a. Sinto que saberá o que fazer com elas, assim como aconteceu comigo quando ouvi o áudio com o conto “As Formigas”. Afinal, a formação do leitor é um trabalho para a especialidade das formigas; especialmente em tempos de telas. A leitura é um andaime! Agora é com você!

Figura 2: Foto da turma de Pedagogia da UEMG na disciplina “Formação do Leitor”, em 2014.



Fonte: Arquivo da autora (2014).

18 GOODSON, Ivor. *Políticas do conhecimento: vida e trabalho docente entre saberes e instituições*. Org. e Trad. Raimundo Martins e Irene Tourinho. Goiânia: Cegraf, 2007.

## Referências

- ALVES, Rubem. *Se eu pudesse viver minha vida novamente...* Campinas: Verus Editora, 2006.
- BERTHERAT, Thérèse; BERNSTEIN, Carol. *O corpo tem suas razões*: antiginástica e consciência de si. 21. ed. Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- ESTEBAN, Maria Teresa. *O que sabe quem erra?* Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011.
- FRIGERIO, Graciela. Prólogo. In: DUSSEL, Inés; CARUSO, Marcelo. *A invenção da sala de aula*: uma genealogia das formas de ensinar. São Paulo: Moderna, 2003.
- GOODSON, Ivor. *Políticas do conhecimento*: vida e trabalho docente entre saberes e instituições. Org. e Trad. Raimundo Martins e Irene Tourinho. Goiânia: Cegraf, 2007.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana*: danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga Neto. Belo horizonte: Autêntica, 2004. p. 139-146.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér; LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista. *A escola que queremos para todos*. Curitiba: CRV, 2022.
- MEIRIEU, Philippe. *Carta a um jovem Professor*. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- NUNES, Lygia Bojunga. *Fazendo Ana Paz*. Rio de Janeiro: Agir, 1992.
- PRIBERAM. *Andaimes*. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. s.d. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/andaimes>>. Acesso em: 28 jun. 2024.
- RIBEIRO, Luciana Fernandes. *Sobre Pandoras e memórias de leitura*. Associação de Leitura do Brasil. Revista Leitura: Teoria & Prática, Campinas, v. 23, n. 44, p. 41-49, mar. 2005.
- SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). *Ler é preciso*. São Paulo: Global Editora, 2002.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da (org.). *Leitura de si, o professor enquanto pessoa*. Campinas: Edições Leitura Crítica, 2014.
- YUNES, Eliana. *Tecendo um leitor*: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymará, 2009.

Recebido em: 06/11/2024

Aceito em: 31/01/2025